

DIFERENTES FACETAS DO JEITINHO BRASILEIRO NA ANIMAÇÃO

URSULA COSTA MARQUES¹; CARLA SCHNEIDER²

¹UFPEL - Unidade Federal de Pelotas - Cinema de Animação – ursulacm2002@gmail.com

²UFPEl – Universidade Federal de Pelotas – carla.schneider@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Desde 1917 a filmografia da animação brasileira têm seu marco inaugural através do curta-metragem “O Kaiser”, de Seth (MORENO, 1978). Com o passar dos anos, vários artistas foram desenvolvendo essa arte no Brasil e alguns deles estão presentes em depoimentos no documentário “Luz, Anima, Ação” (Eduardo Calvet, 2013). Ao observar os desafios enfrentados pelos profissionais da área, buscando desenvolver técnicas desse formato artístico, encontra-se uma coletânea de experiências que demonstram traços em comum e semelhanças de trajetória. O período de 1970 a 2020 pode ser dividido em duas fases: de 1970 a 2000, as produções dependiam de equipamentos analógicos, com acesso limitado a conhecimento e infraestrutura; já de 2000 a 2020, a chegada das tecnologias digitais, juntamente com editais específicos, impulsionou a indústria da animação no país.

Tendo isso posto, este estudo teve como propósito evidenciar documentalmente os elementos revolucionários e subversivos que permeiam os últimos 54 anos da filmografia animada brasileira, detalhando sua essência e representando-os por meio de um filme de cada década que resume as características mencionadas.

Considerando esse contexto, surgiu a seguinte pergunta de pesquisa: quais foram as práticas implementadas pelos cineastas da animação brasileira, em meio a este cenário sem recursos e investimento estatal, desde os anos de 1970?

Para responder essa questão, este estudo objetiva evidenciar traços de identidade na animação brasileira tendo como premissa a ideia de que eles desafiam e rejeitam os padrões normativos do cinema hegemônico. Para tanto, foram formulados os seguintes objetivos específicos: (a) Analisar a historiografia da animação brasileira, categorizando suas ramificações de acordo com os contextos sociais e tecnológicos, explorando assim, o espectro das ferramentas utilizadas. (b) Apresentar exemplos de animações brasileiras que realcem as nuances e

particularidades de suas respectivas décadas. (c) Identificar elementos que caracterizam essas obras brasileiras analisadas, no recorte temporal indicado, tendo em vista critérios culturais, históricos e estéticos.

Para atingir esses objetivos, a abordagem metodológica envolveu análise bibliográfica e documental descrita no item a seguir.

Acredita-se que a relevância desta pesquisa está na sua intenção de contribuir na ressignificação, no olhar crítico sobre o cinema de animação brasileiro, considerando-se que ainda requer reconhecimento por parte do público em geral.

2. METODOLOGIA

Para compreender melhor a experiência brasileira mediante o cenário pioneiro, foi necessário buscar referências documentais (livros e filmes). Neste sentido, autores como Ana Flávia Marcheti (2017), Antônio Moreno (1978) e Sérgio Nesteriuk (2011), bem como Paulo Henrique Silva e Gabriel Carneiro (2018) foram fundamentais. Se por um lado há o registro de um recém-descoberto cinema animado contextualizado da década de 1970 (MORENO, 1978), por outro lado encontra-se os bastidores dos processos criativos e de produção das séries animadas brasileiras (NESTERIUK, 2011). Além disso, dados da cronologia da filmografia nacional até os anos de 2017 (SILVA e CARNEIRO, 2018) auxiliaram na estrutura deste estudo.

Cabe destacar que acessar a coletânea de depoimentos de cineastas brasileiros da animação, presentes no documentário “Luz, Anima, Ação” (Eduardo Calvet, 2013), possibilitou compreender as suas experiências, além de servir como motivação para esta pesquisa.

Para estruturar o olhar investigativo, buscou-se identificar seis filmes de animação considerando o período entre 1970 e 2024, tendo como critérios de escolha apresentar aspectos socioculturais e influências vinculados às suas respectivas décadas, conforme apresentado no item a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a década de 1970, foi selecionado Piconzé (Ypê Nakashima, 1972, Figura 1, item a) por representar o marco inaugural de ser o primeiro longa-metragem em cores, demonstrando uma forma de produção não

convencional no uso dos materiais utilizados (caixa de sapato e recortes). Em seguida, para as décadas de 1980 e 1990 foram identificados Meow! (Marcos Magalhães, 1981) e Rocky & Hudson (Otto Guerra, 1994), respectivamente, por manifestarem, além da técnica e período de expansão comercial, um pensamento crítico e posição satírica para os dilemas da época (Figura 1, itens b e c).

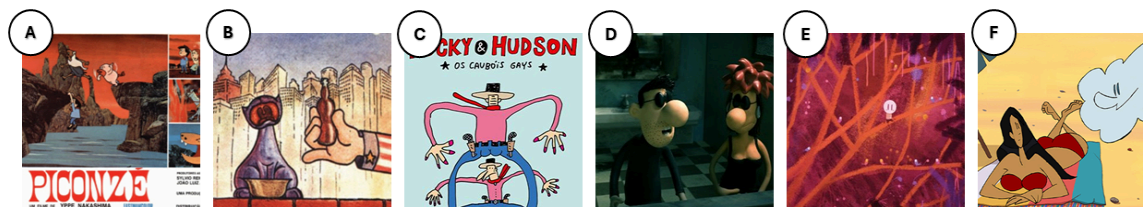


Figura 1: Filmes de animação brasileiros estudados.
Fonte: imagem editada pela autora.

Para a virada do século em 2000, o Dossiê Rê Bordosa (César Cabral, 2008, Figura 1, item d) indica que o stop-motion começou a crescer no campo da animação brasileira conforme há o acesso para os materiais de modelagem.

Chegando num panorama mais recente, nas décadas de 2010 e 2020, percebeu-se uma evolução da filmografia brasileira ao conquistar maior espaço nas salas de cinema, além da configuração de um contexto mais propício, mediante editais, para a produção de longas-metragens animados. Neste cenário se destacaram o premiado O Menino e o Mundo (Ale Abreu, 2013, Figura, 1 item e) que conquistou reconhecimento em eventos internacionais como o Festival de Animação de Annecy e a edição de 2016 do Oscar. Além disso, foi observado que nos anos de 2020, o auxílio das ferramentas digitais possibilitou um processo de produção de animação mais ágil. Todavia, filmes como Bizarros Peixes das Fossas Abissais (Marcelo Fabri Marão, 2024, Figura 1, item f) toma destaque por adotar a animação tradicional do quadro a quadro (folha a folha), caracterizando-se numa obra autoral com equipe reduzida.

Tendo isso posto, é notável o modo que a linha de produção evolui com o passar dos anos e acompanha paralelamente a conscientização da comunidade de cineastas de animação em reconhecer os obstáculos enfrentados e as possíveis soluções. Desta maneira, emergiram comportamentos vanguardistas que romperam o modelo de cinema convencional, até como uma necessidade de se manterem em atividade.

Mesmo observando o crescimento do número de políticas públicas e

órgãos especializados no cinema de animação brasileiro, é a partir dos anos 2000 que a trajetória deste campo artístico passa por sua fase mais frutífera e promissora, após décadas de instabilidade.

4. CONCLUSÕES

Logo, a partir da análise final dos dados apresentados, nota-se que não é um caso atípico o enfrentamento contra o sucateio dentro da cinematografia brasileira. O pioneirismo nas experimentações das animações demonstra forças desde o começo do século XX.

Assim, a pesquisa contribuiu para expandir o entendimento acerca do escopo histórico escolhido e seus impactos diretos no campo de atuação da animação. Ao examinar as dificuldades históricas de infraestrutura, desenvolveu-se um olhar crítico sobre as subjetividades de cada época. Esse conhecimento aqui apresentado, contribui para o aprimoramento do repertório cultural de estudantes de animação, instigando reflexões acerca de suas capacidades e seu papel como participante ativo neste cenário.

Concluindo, os achados dos materiais referenciados foram aplicados de forma que seja criada uma base teórica que contribua para o campo de estudo de animação no Brasil. A partir de uma visão histórico-crítica, contemplando os períodos históricos destacados, sugere-se um aprofundamento na busca e análise dos dados referentes às primeiras gerações pioneiras (anteriores a 1970), embora o material documentado até então ainda seja escasso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVET, Eduardo. **Luz, Anima, Ação**. Canal Brasil. Apple TV. 2013. 99 min.

MARCHETI, A.F. **trajetória do cinema de animação no brasil**. Editora Che Marcheti, 2017.

MORENO, Antonio. **A Experiência Brasileira Cinema Animação**. Editora Artenova, 1978.

NESTERIUK, Sérgio; **Dramaturgia De Série De Animação**. Editora AnimaTV], 2011.

SILVA, P.H.; CARNEIRO, Gabriel. **Animação Brasileira: 100 filmes essenciais**. Editora Letramento, 2018.